

As Regiões Semiáridas e suas Especificidades 2

Alan Mario Zuffo
(Organizador)



Atena
Editora

Ano 2019

Alan Mario Zuffo
(Organizador)

As Regiões Semiáridas e suas Especificidades 2

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação e Edição de Arte: Geraldo Alves e Natália Sandrini

Revisão: Os autores

Conselho Editorial

- Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Profª Drª Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

R335 As regiões semiáridas e suas especificidades 2 [recurso eletrônico] /
Organizador Alan Mario Zuffo. – Ponta Grossa (PR): Atena
Editora, 2019. – (As Regiões Semiáridas e suas Especificidades;
v. 2)

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader.

Modo de acesso: World Wide Web.

Inclui bibliografia

ISBN 978-85-7247-191-6

DOI 10.22533/at.ed.916191503

1. Regiões áridas – Brasil. I. Zuffo, Alan Mario. II. Série.

CDD 333.7369

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de
responsabilidade exclusiva dos autores.

2019

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos
autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

www.atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

A obra “As Regiões Semiáridas e suas Especificidades” aborda uma série de livros de publicação da Atena Editora, em seu II volume, apresenta, em seus 23 capítulos, com conhecimentos tecnológicos das regiões semiáridas e suas especificidades. As Ciências estão globalizadas, englobam, atualmente, diversos campos em termos de pesquisas tecnológicas. O semiárido brasileiro tem características peculiares, alimentares, culturais, edafoclimáticas, étnicas, entre outros. Tais diversidades culminam no avanço tecnológico, nas áreas de Agronomia, Engenharia Florestal, Engenharia de Pesca, Medicina Veterinária, Zootecnia, Engenharia Agropecuária e Ciências de Alimentos que visam o aumento produtivo e melhorias no manejo e preservação dos recursos naturais, bem como conhecimentos nas áreas de políticas públicas, pedagógicas, entre outros. Esses campos de conhecimento são importantes no âmbito das pesquisas científicas atuais, gerando uma crescente demanda por profissionais atuantes no semiárido brasileiro e, também nas demais regiões brasileiras. Este volume dedicado à diversas áreas de conhecimento trazem artigos alinhados com a região semiárida brasileira e suas especificidades. As transformações tecnológicas dessa região são possíveis devido o aprimoramento constante, com base em novos conhecimentos científicos. Aos autores dos diversos capítulos, pela dedicação e esforços sem limites, que viabilizaram esta obra que retrata os recentes avanços científicos e tecnológicos, os agradecimentos do Organizador e da Atena Editora. Por fim, esperamos que este livro possa colaborar e instigar mais estudantes e pesquisadores na constante busca de novas tecnologias para o semiárido brasileiro, assim, garantir perspectivas de solução para o desenvolvimento local e regional para as futuras gerações de forma sustentável.

Alan Mario Zuffo

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
CONDUÇÃO E PERSPECTIVA DO GERENCIAMENTO DE PROJETOS APLICADOS À ÁREA AMBIENTAL NO SEMINÁRIO NORDESTINO, MUNICÍPIO DE PETROLINA – PE	
Marcos Victor do Carmo Loiola Geraldo Guilherme Barros Miranda	
DOI 10.22533/at.ed.9161915031	
CAPÍTULO 2	12
CONVIVÊNCIA COM A SEMIARIDEZ : CAPTAÇÃO, MANEJO E USO DE ÁGUA DE CHUVA EM SANTA TEREZINHA - BA	
Reginaldo Pereira dos Santos Marcio Harrison dos Santos Ferreira Aurélio José Antunes de Carvalho	
DOI 10.22533/at.ed.9161915032	
CAPÍTULO 3	19
CRESCIMENTO DA MAMONEIRA (<i>Ricinus communis</i> L.) IRRIGADAS COM ÁGUA CINZA PARA RECUPERAÇÃO DE ÁREAS DEGRADADAS DO SEMIÁRIDO	
Pablo Rodrigues da Costa Florencio Jéssica Araújo Leite Martildes Paulo Emanuel Batista Pereira Gean Carlos Pereira de Lucena Walker Gomes de Albuquerque	
DOI 10.22533/at.ed.9161915033	
CAPÍTULO 4	25
CRESCIMENTO DE DOIS ACESSOS DE <i>Jatropha curcas</i> L. SUBMETIDOS AO DÉFICIT HÍDRICO SIMULADO PELO POLIETILENOGLICOL 6000	
Fernanda Vitoria Silva do Nascimento Yuri Lima Melo Patricia Ortega-Rodes Josemir Moura Maia Cristiane Elizabeth Costa de Macêdo	
DOI 10.22533/at.ed.9161915034	
CAPÍTULO 5	35
CRESCIMENTO INICIAL DE <i>Caesalpinia ferrea</i> SOB DOSES DE FÓSFORO E MATÉRIA ORGÂNICA CULTIVADA EM LUVISSOLO CRÔMICO	
Elidayane da Nóbrega Santos Rita Magally Oliveira da Silva Marcelino Rayanne Maria Galdino Silva Josinaldo Lopes Araújo Rocha	
DOI 10.22533/at.ed.9161915035	

CAPÍTULO 6 43

CYTOGENETICS CHARACTERIZATION OF *TACINGA* BRITTON & ROSE (OPUNTIOIDEAE-CACTACEAE)

Lânia Isis Ferreira Alves
Fabiane Rabelo da Costa Batista
José Achilles de Lima Neves
José Clayton Ferreira Alves
Erton Mendonça de Almeida
Daniela Cristina Zappi

DOI 10.22533/at.ed.9161915036

CAPÍTULO 7 52

DE PLANOS DE DESENVOLVIMENTO DE ASSENTAMENTOS A PROJETOS DE VIDA COMUNITÁRIOS: CASO DO PA NOVO CAMPO

Jaqueline de Araújo Oliveira Machado
José de Souza Silva

DOI 10.22533/at.ed.9161915037

CAPÍTULO 8 63

DESENVOLVIMENTO INICIAL DE SEIS ESPÉCIES DA CAATINGA PRODUZIDAS EM RECIPIENTES BIODEGRADÁVEIS

Thalles Luiz Negreiros da Costa
Bruna Rafaella Ferreira da Silva
João Gilberto Meza Ucella Filho
Anderson Aurélio de Azevêdo Carnaval
Tatiane Kelly Barbosa de Azevêdo

DOI 10.22533/at.ed.9161915038

CAPÍTULO 9 71

DETERMINAÇÃO DE COMPOSTOS BIOATIVOS DE FRUTOS NONI EM DOIS ESTÁDIOS DE MATURAÇÃO

Larissa de Sousa Sátiro
Franciscleudo Bezerra da Costa
Ana Marinho do Nascimento
Jéssica Leite da Silva
Mahyara de Melo Santiago
Giuliana Naiara Barros Sales
Tatiana Marinho Gadelha
Kátia Gomes da Silva

DOI 10.22533/at.ed.9161915039

CAPÍTULO 10 79

DETERMINAÇÃO DO GRADIENTE TÉRMICO DE CAPRINOS E OVINOS DESLANADOS CRIADOS NO SEMIÁRIDO PARAIBANO

Nágela Maria Henrique Mascarenhas
Bonifácio Benício de Souza
Dermeval Araújo Furtado
Luanna Figueirêdo Batista
Maycon Rodrigues da Silva
Luiz Henrique de Souza Rodrigues
Ribamar Veríssimo Macedo
Leonardo Flor da Silva
Fábio Santos do Nascimento
João Paulo da Silva Pires
Júlia Laurindo Pereira
Fabiola Franklin Medeiros

DOI 10.22533/at.ed.91619150310

CAPÍTULO 11 86

DIAGNÓSTICO DO SANEAMENTO BÁSICO RURAL NO MUNICÍPIO DE PORTO DO MANGUE/RN, SEMIÁRIDO BRASILEIRO

Gabriela Nogueira Cunha
Allan Viktor da Silva Pereira
Leonardo de França Almeida
Rogério Taygra Vaconcelos Fernandes
José Paiva Lopes Neto

DOI 10.22533/at.ed.91619150311

CAPÍTULO 12 92

DIAGNÓSTICO DOS IMPACTOS AMBIENTAIS CAUSADOS PELA URBANIZAÇÃO EM TRECHOS DO RIO JAGUARIBE - JP

Liz Jully Hiluey Correia
Ane Josana Dantas Fernandes
Alan Ferreira de Araújo
Edilma Rodrigues Bento Dantas
Maria Mônica Lacerda Martins Lúcio
Manoel Barbosa Dantas

DOI 10.22533/at.ed.91619150312

CAPÍTULO 13 106

DIVERSIDADE DE ESPÉCIES ESPONTÂNEAS EM CULTIVO AGROECOLÓGICO DE SISAL

Erasto Viana Silva Gama
Carla Teresa dos Santos Marques

DOI 10.22533/at.ed.91619150313

CAPÍTULO 14 118

EFEITO DO ESTRESSE TERMICO SOBRE A REPRODUÇÃO DE ANIMAIS NO SEMIÁRIDO

Fabíola Franklin de Medeiros
Fábio Santos do Nascimento
Luanna Figueirêdo Batista
Nágela Maria Henrique Mascarenhas
João Paulo da Silva Pires
Gabriel de Queiroz Rodrigues
Mateus Freitas de Souza
Luiz Henrique de Souza Rodrigues
Ribamar Veríssimo Macêdo
Maycon Rodrigues da Silva
Mayara Cândido da Silva Leite
Thays Raquel de Freitas Bezerra
Bonifácio Benicio de Souza

DOI 10.22533/at.ed.91619150314

CAPÍTULO 15 125

EFICIÊNCIA DE SUBSTRATOS ORGÂNICOS EM JARDINS FLUTUANTES COMO FERRAMENTA DE REVITALIZAÇÃO DE ÁGUAS POLUÍDAS

Sabrina Lima Fechine de Alencar
Patrícia Hermínio Cunha Feitosa
Elis Gean Rocha
Jasmyne Karla Vieira Souza Maciel

DOI 10.22533/at.ed.91619150315

CAPÍTULO 16 134

ELAS SOBRE ELAS: A DOCÊNCIA NO CAMPO PELO OLHAR DE DUAS PROFESSORAS DA ESCOLA DO ASSENTAMENTO PADRE ASSIS, SOSSEGO – PB

Túlio Carlos Silva Antunes
José Carlos Antunes de Medo
Fabiana Elias Silva Antunes

DOI 10.22533/at.ed.91619150316

CAPÍTULO 17 143

ENSINO DA FÍSICA NO SEMIÁRIDO BRASILEIRO: UM CASO SINGULAR

Gustavo de Alencar Figueiredo
Jefferson Antônio Marques
Fredy Enrique González

DOI 10.22533/at.ed.91619150317

CAPÍTULO 18 153

ENTRE MATERIALIDADES E VIVÊNCIAS: REFORMAS ESPACIAIS E PRÁTICAS SOCIAIS NA CIDADE

Aparecida Barbosa da Silva

DOI 10.22533/at.ed.91619150318

CAPÍTULO 19	165
ESTABILIDADE DO ALGINATO DE CÁLCIO COMO MATRIZ IMOBILIZANTE DA <i>Chlorella</i> sp. NO TRATAMENTO DE EFLUENTE SECUNDÁRIO	
Maria Célia Cavalcante de Paula e Silva José Tavares de Sousa Howard William Pearson Maria Virginia da Conceição Albuquerque Lisandra da Silva Gomes Valderi Duarte Leite	
DOI 10.22533/at.ed.91619150319	
CAPÍTULO 20	175
ESTUDO E CONCEPÇÃO DE UM HELIÓGRAFO	
Bruno Pereira da Silva Júlio Mannuel Tavares Diniz Wanderley Ferreira de Amorim Júnior	
DOI 10.22533/at.ed.91619150320	
CAPÍTULO 21	181
ESTUDO HIDROLÓGICO DA BACIA HIDROGRÁFICA DO RIO MAMANGUAPE	
Gabriel Carlos Moura Pessôa José Joaquim de Souza Neto Matheus Patrick Araújo da Silva Wisla Kívia de Araújo Soares Francisco Tarcísio Lucena Zaqueu Lopes da Silva Ingrid Lélis Ricarte Cavalcanti Amanda Rezende Moreira Ewerton Ferreira de Sousa Karla Jarlita de Moura Silva Jotácia Estrela Bezerra Araújo	
DOI 10.22533/at.ed.91619150321	
CAPÍTULO 22	188
FONTES DE INFORMAÇÃO ELETRÔNICAS PARA PESQUISA SOBRE O SEMIÁRIDO BRASILEIRO	
Tatiane Lemos Alves Edmerson dos Santos Reis	
DOI 10.22533/at.ed.91619150322	
CAPÍTULO 23	199
GERMINAÇÃO DE IMBIRATANHA SOB ESTRESSE SALINO E DÉFICIT HÍDRICO	
Vitória Régia Alves Cavalcante Fernanda Vitoria Silva do Nascimento Matheus Martins Mendes Yuri Lima Melo Josemir Moura Maia Cristiane Elizabeth Costa de Macêdo	
DOI 10.22533/at.ed.91619150323	
SOBRE O ORGANIZADOR	206

ELAS SOBRE ELAS: A DOCÊNCIA NO CAMPO PELO OLHAR DE DUAS PROFESSORAS DA ESCOLA DO ASSENTAMENTO PADRE ASSIS, SOSSEGO – PB

Túlio Carlos Silva Antunes

Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio
José Vitorino de Medeiros
Sossego – Paraíba

José Carlos Antunes de Medo

Universidade Estadual Vale do Acaraú,
Departamento de História
Sossego – Paraíba

Fabiana Elias Silva Antunes

Escola Municipal do Ensino Fundamental Manoel
Delmiro Ferreira
Sossego – Paraíba

RESUMO: Nosso texto é fruto de uma pesquisa de PIBIC/UEPB, intitulada: “*Ensino de história e educação no Campo: história local, currículo, memória e identidade*”, que teve como norte discutir o ensino de história e o currículo praticado no campo, através da escola do Assentamento Padre Assis, Sossego – PB, na perspectiva da interculturalidade, tendo por foco a história local, identidade e memória. O corrente artigo é um desmembramento da nossa pesquisa, tendo como objetivo discutir o saber docente forjado na experiência prática do cotidiano da sala de aula, no tocante a perceber como elas, as professoras, percebem e reconhecem o seu fazer docente. Versamos sobre a perspectiva de que a experiência empírica é formativa, na medida em que as professoras experienciam

seu fazer docente no contexto escolar da escola do campo, seja a partir dos desafios e/ou prazeres que lhes atravessam, moldando sua própria visão sobre sua prática docente. No que se refere à abordagem metodológica do nosso trabalho, nos debruçamos sobre a história oral temática (DELGADO, 2010) que nos deu suporte à realização das entrevistas, a partir de questionários semiestruturados, abordando as questões referentes à Educação do Campo no tocante aos elementos como ensino de história, história local, experiência docente e práticas pedagógicas do Assentamento Padre Assis, Sossego – PB.

PALAVRAS-CHAVE: Ensino de história, educação do campo, interculturalidade, formação docente.

ABSTRACT: Our text is the result of a research by PIBIC/UEPB, entitled “*Teaching History and Education in the Field: Local History, Curriculum, Memory and Identity*”, whose purpose was to discuss the teaching of history and the curriculum practiced in the field through from the Assiseamento Padre Assis School, Sossego - PB, in the perspective of interculturality, focusing on local history, identity and memory. The current article is a dismemberment of our research, aiming to discuss the teacher knowledge forged in the practical experience of the classroom everyday, in terms of how

they perceive and recognize their teachers. We discuss the perspective that empirical experience is formative, as teachers experience their teaching in the school context of the rural school, whether from the challenges and/or pleasures they face, shaping their own view of their practice teacher. With regard to the methodological approach of our work, we focus on thematic oral history (DELGADO, 2010) that gave us support to conduct the interviews, from semi-structured questionnaires, addressing issues related to Field Education regarding the elements such as teaching history, local history, teaching experience and pedagogical practices of the Assisamento Padre Assis, Sossego - PB.

KEYWORDS: Teaching of history, field education, interculturality, teacher training.

1 | INTRODUÇÃO

O presente artigo apresenta os resultados da pesquisa *“Ensino de história e educação no Campo: história local, currículo, memória e identidade”*, que fez parte do Projeto de Pesquisa de Iniciação Científica - Cota 2015/2016 *“A história ensinada e o currículo intercultural: memória, identidade e práticas educacionais”*. Buscamos discutir como o Ensino de História e o Currículo praticado no campo, através da experiência da escola do Assentamento Padre Assis, Sossego-PB, nos ajuda compreender como a escola, as professoras, os documentos e materiais oficiais se debruçam sobre a história local, valores, modos de fazer, e suas memórias, na construção do ensino de história para a formação do sujeito histórico (BAROM, CERRI, 2011) na perspectiva de uma educação intercultural. Entendemos que o sujeito histórico está em constante fazer-se, onde suas experiências materiais e subjetivas vão lhe dando forma, mas nunca completo, findado, sempre em construção. A escola, presente em boa parte da história do sujeito moderno, é atravessada, do ponto de vista institucional, por projetos educacionais, ideológicos e políticos, mas também, no cotidiano, por histórias, gostos, desejos, conflitos, medos e experiências que no diálogo com o indivíduo histórico, o constrói. Acreditamos que as referências calcadas no lugar, que orientavam a formação identitária do sujeito sociológico moderno (HALL, 2006, p. 12), no século XXI, foram deslocadas para lugares nenhum, distantes das esferas de experiência do sujeito. A escola, enquanto instituição que versa sobre a formação do indivíduo, deve também contribuir com a orientação e formação de identidades locais para a referência na vivência social.

Procuramos em nossa pesquisa, por meio de um estudo documental e bibliográfico, perceber de que modo – e se há – o diálogo entre as memórias, saberes e histórias locais e os saberes históricos presentes no currículo escolar e no cotidiano da sala de aula, no sentido de perceber como a escola reconhece, recebe e operacionaliza estes saberes.

Partimos, desse modo, da educação do campo, na perspectiva da interculturalidade no campo do ensino de história, trazendo a discussão do currículo e da história local,

a partir da experiência educativa dos alunos e professores do Assentamento Padre Assis, Sossego - PB.

2 | METODOLOGIA

Nossa pesquisa está centrada no campo historiográfico, isto é: da escrita da história (CERTEAU, 1982). A escrita da história pode ser pensada em dois prismas: o 1) ato produtor, e o 2) objeto produzido. Como compreende Michel de Certeau, a respeito de como a história é escrita, ela nos elucida que o texto, a narrativa histórica produzida pelo historiador é fruto de um “ato produtor”, que compreende desde a escolha do tema, dos autores, conceitos, metodologia, estilo literário, documentos, até à temporalidade da pesquisa. O “ato produtor”, realizado no *metier* do historiador, na oficina do tempo, cria o “objeto produzido”, que é a narração, o texto escrito. Nosso artigo se apresenta como o “objeto produzido”, narrativa que materializa todos os caminhos e descaminhos da nossa pesquisa produzida no “ato produtor” da tecitura deste texto. Nesse sentido, se impõe a necessidade de esclarecer os processos percorridos em nosso “ato produtor”, que atravessa nossa pesquisa, na conceituação de história, da filiação à história social como dimensão, a história oral e história local como abordagens e o ensino de história como eixo temática da nossa pesquisa no campo da história (BARROS, 2013, p. 30).

O Campo da História tem formas particulares de apreender a realidade concreta, como a micro-história de Ginzburg, ou a História Oral, à qual utilizamos em nosso trabalho. Elas dizem respeito à forma como o historiador, no “ato produtivo”, irá apreender a realidade, um procedimento metodológico de fabricação e interpretação de documentos. Isto é, uma abordagem, que como nos esclarece José D’Assunção Barros, é “o modo como o historiador trabalha, o tipo de fontes que ele constitui, a maneira como ele observa a realidade - em uma palavra, o ‘fazer histórico’[...]” (2013, p. 31).

A história, porém, enquanto conceito, compreende Le Goff, (2013), possui uma problemática semântica, isto é: a história é objeto que fala e objeto falado, ela é morte e vida. Dito de outra forma, a história é uma ciência que pretende falar de si mesmo, falar no presente sobre os mortos, sobre o passado que lhe aparece por meio de vestígios; a história é paralelamente passado/tempo e ciência. A escrita da história, por sua vez, é a narrativa que materializa a ciência que fala sobre o tempo, são os processos do “ato produtor” sobre o “objeto produzido”. História, nesse sentido, quer dizer tanto ciência, como “o passado - todo o passado, toda e qualquer coisa que aconteceu até hoje - constitui a história” (HOBBSAWM, 1998, p. 37). Retornando a Le Goff, compreendemos, por tanto, que a história é *processo, ciência e narrativa* (2013). Ela é, como colocou Marc Bloch (2001), a história é ciência dos homens no tempo. Ela não é a ciência da natureza, mas dos homens; não do indivíduo, mas do plural:

homens. A história se debruça sobre as atividades, mudanças, dinâmicas e ações dos homens no tempo. Sendo assim,

“Ciência dos homens”, dissemos. É ainda vago demais. É preciso acrescentar: “dos homens, no tempo”. O historiador não apenas pensa “humano”. A atmosfera em que seu pensamento respira naturalmente é a categoria da duração. Decerto, dificilmente imagina-se que uma ciência, qualquer que seja, possa abstrair do tempo. Entretanto, para muitas dentre elas, que, por convenção, o desintegram em fragmentos artificialmente homogêneos, ele representa apenas uma medida. Realidade concreta e viva, submetida à irreversibilidade de seu impulso, o tempo da história, ao contrário, é o próprio plasma em que se engastam os fenômenos e como o lugar de sua inteligibilidade. (BLOCH, 2001, p. 55)

No que diz respeito à apreensão da realidade, utilizamos a história oral temática, que nos referenciou para a realização das entrevistas. Fizemos entrevistas a partir de questionários semi-estruturados, abordando as questões referentes à Educação do Campo no tocante a questões como: ensino de história, história local, experiência docente e práticas pedagógicas do Assentamento Padre Assis, Sossego – PB. Como aporte teórico central, no que se refere às possibilidades de se trabalhar a história oral, utilizamos o trabalho desenvolvido por Lucília de Almeida Neves Delgado (2010), em seu livro: *História oral: memória, tempo e identidades*, onde ela discorre acerca do trabalho, conceituação, metodologia, limites e possibilidade do uso da História Oral como aporte teórico-metodológico.

Por meio de relatos e experiências familiares, de crônicas que registraram o cotidiano, de tradições, de histórias contadas através de gerações e inúmeras formas de narrativa, constrói-se a memória de um tempo que antecedeu ao da vida de uma pessoa. Ultrapassa-se o tempo presente, e o homem mergulha no seu passado ancestral. Nessa dinâmica, memórias individuais e memórias (DELGADO, 2010) coletivas encontram-se, fundem-se e se constituem como possíveis fontes para a produção do conhecimento histórico. (p. 40-1). Nesta prerrogativa se insere a História Oral, campo metodológico que se apropria da memória como seu elemento base de construção da fonte histórica. Isto é, elemento chave para a construção da fonte, que será o filtro pelo qual teremos acesso à história como experiência. A História Oral, contraditoriamente, não é um campo de estudo da história, mas, “um procedimento metodológico que busca, pela construção de fontes e documentos, registrar, através de narrativas induzidas e estimuladas, testemunhos, versões e interpretações sobre História em suas múltiplas dimensões: factuais, temporais, espaciais, conflituosas, consensuais”. (DELGADO, 2010, p. 15).

Em termos de pesquisa, entrevistamos duas professoras, **Maria Germane e Maria das Vitórias**. Ambas as professoras são oriundas do Assentamento Padre Assis e por ele tiveram a oportunidade de chegarem à docência. As narrativas de vida das professoras, recortadas sobre as marcas da docência, nos trouxe um olhar vivido, que vive as alegrias, os prazeres e os desafios da Educação do Campo. Por elas, duas mulheres jovens, com 28 e 30 anos, respectivamente, mas que possuem trajetórias de

vidas totalmente diferentes, todavia, se inter cruzam no cotidiano fazer da educação do campo.

3 | EDUCAÇÃO DO CAMPO

Como recorte espacial, temos o Campo enquanto nosso *locus* de pesquisa, que tem por recorte compreender o ensino de história na educação do campo. Neste sentido, concordamos com o professor Bernardo Fernandes (2011) que

O campo é lugar de vida, onde as pessoas podem morar, trabalhar, estudar com dignidade de quem tem o seu lugar, a sua identidade cultural. O campo não é só o lugar da produção agropecuária e agroindustrial, do latifúndio e da grilagem de terras. O campo é espaço e território dos camponeses e dos quilombos. É no campo que estão as florestas, onde vivem as diversas nações indígenas. Por tudo isso, o campo é lugar de vida e sobretudo de educação. (p. 137).

A educação do Campo,

[...] é um conceito cunhado com a preocupação de se delimitar um território teórico. Nosso pensamento é defender o direito que uma população tem de pensar o mundo a partir do lugar onde vive, ou seja, da terra em que pisa, melhor ainda a partir de sua realidade (p. 141).

Neste sentido, ao trabalharmos com a Educação do Campo, não estamos apenas pensando um conceito de educação em oposição ao urbano, quando nos debruçamos sobre a educação do campo, estamos discutindo histórias e direitos negados; estamos discutindo sobre lutas, desafios, derrotas. A educação do campo não se encerra enquanto um modelo educacional que versa sobre as populações que tem a terra como seu lugar de vivência e pertencimento, mas ela é um conceito cunhado na própria luta, da necessidade de superar as desigualdades e exclusão das populações do campo. Desse modo,

se propõe um projeto de educação que possa ser erigido pelos sujeitos do campo, pensada enquanto direito a partir da especificidade e do contexto de seus sujeitos, articulando um horizonte de formação humana em sua dimensão geral, agregando questões sociais, culturais e econômicas. (ANTUNES, 2017, p. 23)

Discutir, propor e lutar pela educação do campo, engendra-se na “redenção” que Walter Benjamin (1994) fala. Utilizando-se da metáfora judaica de que Cristo iria redimir todos os povos, sofridos e injustiçados no momento de sua vinda, nós, os homens e mulheres do presente, “existe um encontro secreto, marcado entre as gerações precedentes e a nossa. Alguém na terra está à nossa espera. Nesse caso, como a cada geração, foi-nos concedida uma frágil força messiânica para a qual o passado dirige um apelo” (BENJAMIN, 1994, p. 223).

4 | A CONSTRUÇÃO DA DOCÊNCIA

Nossa pesquisa partiu de um problema, ensinamento trazido pelos fundadores da Escola dos Anales, Marc Bloch e Lucien Febvre (LE GOFF, 2013), que é pensar

qual o lugar da história local no ensino de história praticado no cotidiano escolar da educação do campo na escola do Assentamento Padre Assis, Sossego - PB. Para esta investigação, as professoras **Maria Germane** e **Maria das Vitórias** elucidaram sobre como elas experienciam a docência no seu cotidiano. Mas, quem elas são? A professora **Maria Germane da Silva Nascimento**, à época da entrevista, tinha 28 anos de idade. Graduada em Pedagogia e pós-graduada em Psicopedagogia pela Faculdade Cristo Rei. Germane sempre morou na zona rural, desde 2009, residente do Assentamento Padre Assis. Ela “desde 2009 que eu atuo como professora, alfabetizadora.” (GERMANE, 2016). Germane leciona numa turma multisseriada de 15 alunos e multisseriada. Sobre ser professora, ela fala:

Bom, é muito bom. Porque assim, as pessoas, pelo menos em termos de ser visto com relação à comunidade, é, eles me respeitam muito aqui no assentamento, todos, todos, todos os moradores, assim, me vem como A professora, entendeu? (risos). É tanto que os senhores mesmo, assim, eles nem me tratam de Germane, eles falam, quando eu [falo]: bom dia, aí, “bom dia, professora, boa noite, professora”. Tá entendendo? Então assim, isso é muito bom. E com relação aos meninos, assim, todos me respeitam muito e tem mô carinho por mim, mas, ser professora aqui é muito bom, muito bom mesmo. [...] Prefiro alfabetização. É porque eu acho lindo, a coisa que eu mais achei gratificante Túlio, é ensinar, ensinar uma palavrinha a um menino e ele aprender, eu vê ele lendo. e eu saber que foi através de mim que ele aprendeu ler, aprendeu fazer o nome. Eu acho isso muito gratificante, é emocionante pra mim, acho lindo. Eu gosto disso aí. É por isso que eu quero assim, sempre ser professora alfabetizadora, de preferência aqui no Assentamento. (Ibdem, 2016)

A outra partícipe da nossa investigação, que tem também o belo nome de Maria, se chama: **Maria das Vitórias Santos Pereira**, que tinha 30 anos à época da entrevista. Graduanda em Pedagogia pela Faculdade São Judas Tadeu, Maria é moradora do Assentamento Padre Assis desde sua formação, sua atuação como professora sempre ocorreu na escola do Assentamento. Ela também ensina em uma turma multisseriada, e interpelada sobre os desafios de ensinar nela, nos afirma:

[...] a dificuldade é porque, na hora de você passa um conteúdo, se você, no caso, tá ali, você aplica os dois, divide o quadro em dois, na atividade, né(?), pra cada um, aí assim, na verdade, se eu vou explicar pra um aí o outro já que atenção também, da outra série, no caso no outro ano, né? 2º Ano os alunos quer uma certa atenção aí os outros já fica: “tia, me explique isso aqui”. Aí a dificuldade é essa, de você ter que auxiliar os dois, as duas explicações ao mesmo tempo pra eles. (MARIA, 2016).

Quando discutimos o livro didático com as professoras, encontramos opiniões distintas, como a da professora Germane, que tece um “muito ruins, mas dá”. (2016), ao comentário da professora Maria “eu gosto, eu gosto dos livros.” (2016). Mas no que se refere ao reconhecimento do lugar no livro didático, ambas são enfáticas em mostrar o problema da negação do livro para com os diversos povos que vivem no campo. Tão pertinente para a formação da consciência histórica, visto que o “pensamento histórico teria seu sentido embasado, inconscientemente, no passado que se oferece ao presente, de modo ativo, na vida prática.” (BAROM & CERRI, 2011, p. 5). Para elas:

Quando você pega um livro didático, está contando uma história lá de São Paulo,

que os meninos provavelmente nunca irão, assim, tem uns que, vamos ser sincero, tem uns que provavelmente nunca irão lá. Então assim, eu vejo, assim, difícil por causa disso aí. Porque muitas vezes deixa de, de trabalhar a própria cultura, do, do, do lugar, pra ir conhecer uma coisa que é totalmente longe da realidade deles. (GERMANE, 2016).

Não, daqui não! Só se um caso, assim, a gente um dia, tirar um dia e a gente mesmo fazer isso. Mas aqui, o que vem de lá não tem, fazendo alguma orientação, é, informando a gente sobre os acontecimentos daqui, só você mesmo que, a gente tem. (MARIA, 2016).

São duas trajetórias de vida marcadas pelo apreço ao campo e reconhecimento da importância do Assentamento nas suas vidas. Como coloca o professor Adilson (2016), “faz parte do nosso *métier*, como já salientamos antes, certa empatia com o que definimos como objeto de estudo”. (p. 363). A história, que nasce da reflexão sensível com a finitude, nunca deixou a sensibilidade de lado. Somos sensíveis nas escolhas temáticas, nas lutas que travamos, nos reconhecimentos que fazemos. É peculiar pensar o sentimento de pertencimento não como um dado qualquer, mas fruto de uma experiência sensível, marcado por alegrias e tristezas. É nítido pensar isso na fala da professora Germane:

o Assentamento é muito importante, foi aqui que, que, praticamente eu cresci, foi aqui que, que, acho que a gente conseguiu alguma coisa, porque na verdade a gente, quando a gente morava lá no Galante, no outro onde a gente morava, a gente era muito, bem, bem, bem mais pobre do que nós somos hoje, entendeu? Então aqui o assentamento nos deu condições pra que a gente pudesse ter uma moto, pudesse ter gado, meu pai tem, meu pai aqui no assentamento, assim, ele é o que mais tem, no caso minha mãe, meu pai, que mais tem, tem gado. Então assim, quando a gente morava lá a gente só criava galinha, não tinha um bezerro, hoje em dia não, a gente tem bastante cabeça de gado, entendesse? Então assim, isso, esse lado foi um lado muito bom. (2016).

5 | CONCLUSÃO

De fato, a partir da nossa pesquisa, encontramos muitos resultados, certezas e incertezas. A partir dela nos foi possível pensar uma realidade que até então só podia ter acesso pela lembrança e não nos era conhecida em termos acadêmicos. Pensar a Educação do Campo pelo norte do ensino de história no tocante à história local se tornou um campo de estudo para nós próspero. Pudemos pensar que a Educação do Campo é um espaço em dinâmico em constante transformação que é atravessado por avanços, continuidades e recuos. A partir das professoras pesquisadas pudemos ter acesso à educação possível e operacionalizada no Assentamento Padre Assis. Pensar e refletir sobre o lugar é afirmar como Hobsbawm (1998), no que se refere ao lugar de importância da história na formação da consciência histórica.

A educação do campo é fruto de conflitos, negação e luta(!). Neste sentido, dialogamos com uma proposição de educação do e no campo que verse e prime pelos conhecimentos, memórias e valores locais, garantindo a manutenção dos saberes e

história local, assim como de construção de uma identidade, de uma subjetividade que valorize o campo nas suas particularidades. O processo de ensinar e aprender, no contexto do campo, do conhecimento histórico, deve estar atrelado o conhecimento local, da criança e do jovem (FONSECA, 2009), das memórias de luta e de resistência na construção do Assentamento. A sala de aula deve ser criativa, ela deve fazer “defeitos na memória” (JUNIOR, 2014), ela deve fazer parte do mundo do/a aluno/a, do assentado, das suas experiências e exigências.

Neste sentido, ambas as professoras acreditam que a história, como coloca Hobsbawm (1998), que a consciência história é formulada no processo dialético entre presente/passado. Discutindo sobre o tempo, Santo Agostinho versa sobre o tempo sendo algo puramente presente (LE GOFF, 2013), mas que dialoga em três estágios: *presente/passado*, *presente/presente* e *presente/futuro*. É, como coloca Jorn Rüsen:

A formação histórica é, antes, a capacidade de uma determinada constituição narrativa de sentido. Sua qualidade específica consiste em (re)elaborar continuamente, e sempre de novo, as experiências correntes que a vida prática faz do passar do tempo, elevando-as ao nível cognitivo da ciência da história, e inserindo-as continuamente, e sempre se novo (ou seja: produtivamente), na orientação histórica dessa mesma vida. Aprender é a elaboração da experiência na competência interpretativa e ativa, e a formação histórica nada mais é do que uma capacidade de aprendizado especialmente desenvolvida. Essa capacidade de aprendizado histórico precisa, por sua vez, ser aprendida. (Apud BAROM & CERRI, 2011, p. 5)

Isto é, o ensino de história tem a competência *narrativa* de, e como compreende Jorn Rüsen, a

“habilidade da consciência humana para levar a cabo procedimentos que dão sentido ao passado, fazendo efetiva uma orientação temporal na vida prática presente por meio de uma recordação da realidade passada.” (SCHMIDT; BARCA; MARTINS, 2010, p. 59)

REFERÊNCIAS

- ANTUNES, Túlio Carlos Silva. **Ensino de história e história local na educação do campo: experiência do Assentamento Padre Assis, Sossego – PB**. 2017. 36f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) - Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande, 2017.
- ARROYO, Miguel Gonzales; CALDART, Roseli Salete; MOLINA, Mônica Castagna. **Por Uma Educação do Campo**. 5. ed. - Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.
- BARROS, José D’Assunção. **“A expansão da história”**. in: A expansão da história. - Petrópolis, RJ: Vozes, 2013: 13-38.
- BAROM, Wilian Carlos Cipriani. CERRI, Luis Fernando. **O ensino da história a partir da teoria de Jörn Rüsen**. Seminário de pesquisa do PPE. Universidade Estadual de Maringá 26 e 27/05/2011. Disponível em: http://www.ppe.uem.br/publicacoes/seminario_ppe_2011/pdf/1/006.pdf
- BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história cultural**. tradução: Sérgio Paulo Rouanet. - 7. ed. - São Paulo: Brasiliense, 1994. - (Obras escolhidas; v.1)

BLOCH, Marc Leopold Benjamin. **Apologia da história, ou, O ofício do historiador**. prefácio, Jacques Le Goff; apresentação à edição brasileira, Lilia Moritz Schwarcz; tradução, André Telles. – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

CERTEAU, Michel de. **A Escrita da história**. Tradução de Maria de Lourdes Menezes ; revisão técnica [de] Arno Vogel. – Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

DELGADO, Lucília de Almeida Neves. **História oral: memória, tempo e identidades**. 2ª ed – Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010. FONSECA, Selva Guimarães. Fazer e ensinar História. - Belo Horizonte: Dimensão, 2009.

FILHO, José Adilson. **“O historiador e sua função social na contemporaneidade”**. IN: Poder, memória e resistência: 50 anos do golpe de 1964 e outros ensaios. Tiago Bernardon de Oliveira...[et al], organizadores, - João Pessoa: EDITORA do CCTA; Mídia Editora, 2016: 353 366.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva, Guacira Lopes Louro – 11.ed. – Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HOBSBAWM, Eric. **“O que a história tem a dizer-nos sobre a sociedade contemporânea?”**. IN: Sobre a história.; tradução Cio Knipel Moreira. - São Paulo: Companhia das Letras, 1998: 36-48.

JUNIOR, Durval Muniz de Albuquerque. **“Fazer defeitos nas memórias: para que servem o ensino e a escrita da história?”**, IN: Qual o valor da história hoje?/ Márcia de Almeida Golçalves...[et al.], organizadores.- Rio de Janeiro: Editora FGV, 2012.

LE GOFF, Jacques. **“História”**. IN: História e memória.; tradução Bernardo Leitão... [et al.]. - 7º ed. revista - Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2013: 21-158.

MOREIRA, Antonio Flavio; CANDAU, Vera Maria. (orgs.). **Currículos, disciplinas escolares e culturas**. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

PACHECO, Ricardo de Aguiar. **Os saberes da história: elementos para um currículo escolar contemporâneo**. Antíteses, vol. 2, n. 6, jul.-dez. de 2010. (pp. 759-776).